

**O processo de envelhecimento na formação do mundo ocidental: uma análise dos  
entrelaçamentos culturais**

**The aging process in the formation of western world: an analysis of cultural  
interlacements**

**El proceso de envejecimiento en la formación del mundo occidental: un análisis de  
entrelazamientos culturales**

Recebido: 16/08/2020 | Revisado: 18/08/2020 | Aceito: 24/08/2020 | Publicado: 29/08/2020

**Antonio Cavalcante de Almeida**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8479-3236>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: [antonio.cavalcante@ifce.edu.br](mailto:antonio.cavalcante@ifce.edu.br)

**Idorlene da Silva Hoepers**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3963-3476>

Instituto Federal de Educação Catarinense, Brasil

E-mail: [idorlene.hoepers@ifc.edu.br](mailto:idorlene.hoepers@ifc.edu.br)

**Ricardo Florêncio dos Passos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3635-7146>

Instituto Federal de Educação Catarinense, Brasil

E-mail: [ricardofp9@hotmail.com](mailto:ricardofp9@hotmail.com)

**Resumo**

A formação cultural de cada época é matéria-prima importante para a compreensão social, embora a origem remota das fontes seja permeada pela imprecisão pragmática. Neste texto, com revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, buscamos compreender o processo de envelhecimento, por meio do exame de algumas das principais obras da chamada “Idade Antiga”, que abrange a Antiguidade Greco-Romana, a tradição hebraica e, finalmente, o entrecruzamento dessas duas vertentes na Idade Média, a partir de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Como processo, a velhice pode ser examinada do ponto de vista racional e transcendente. O foco da investigação encontra-se nas principais obras de cada período com ênfase na percepção da velhice pelos autores – livros de Platão, Aristóteles, Cícero e Sêneca na Antiguidade Greco-Romana; a Bíblia na tradição judaico-cristã; as obras de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino na Idade Média. Evidentemente, não se busca esgotar as

possibilidades de abordagem histórica da temática, pois cada período possui outras nuances e subdivisões temporais. No entanto, é possível fomentar reflexões sobre o modo de vida do idoso, com elementos particulares desde a formação do Ocidente, situando-o em perspectiva que considere a pluralidade de assimilações e o idoso como sujeito ativo nos entrelaçamentos culturais.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Cultura; Ocidente.

### **Abstract**

The cultural formation in each time is raw material for social comprehension, although the remote origin of fonts is permeated by a pragmatic imprecision. In this text, with a bibliographic review of a qualitative approach, we aim to understand the process of aging, through the examination of some of the main Works of the so called “Ancient Time”, which encompasses the Graeco-Latin antiquity, the Jewish tradition and, finally, the interlacement of these two components in Middle Ages, considering St. Augustine and St Thomas of Aquinas. As a process, the old age can be examined from a rational and transcendent point of view. The focus of the investigation is in the mains Works of each period with emphasis on the perception of old age by authors – books by Plato, Aristotle, Cicero and Seneca in Graeco-Latin Antiquity; the Bible in Judaeo-Christian Tradition; the works of St. Augustine and St Thomas of Aquinas in Middle Ages. Evidently, exhausting all possibilities of historical approaches is not the intention, as each period has other nuances and temporal divisions. However, it is possible to foster reflections about the way of life of the elderly, with particular elements since the formation of Western World, locating them it in a perspective that considers the plurality of assimilations, and also as an active subject in cultural interlacements.

**Keywords:** Aging; Culture; Western world.

### **Resumen**

La formación cultural de cada época es una materia prima importante para el entendimiento social, aunque el origen remoto de las fuentes está impregnado de imprecisiones pragmáticas. En este texto, con una revisión bibliográfica de enfoque cualitativo, se busca comprender el proceso de envejecimiento, examinando algunas de las principales obras de la denominada “Edad Antigua”, que abarca la Antigüedad grecorromana, la tradición hebrea y, finalmente, la intersección de estos dos hilos en la Edad Media, de Santo Agostinho y São Tomás de Aquino. Como proceso, la vejez puede examinarse desde un punto de vista racional y

trascendente. El foco de la investigación se centra en las principales obras de cada período con énfasis en la percepción de la vejez por parte de los autores - libros de Platón, Aristóteles, Cicerón y Séneca en la Antigüedad grecorromana; la Biblia en la tradición judeocristiana; las obras de San Agustín y Santo Tomás de Aquino en la Edad Media. Evidentemente, no se intenta agotar las posibilidades de aproximación histórica al tema, ya que cada período tiene otros matices y subdivisiones temporales. Sin embargo, es posible propiciar reflexiones sobre el modo de vida de las personas mayores, con elementos particulares desde la formación de Occidente, ubicándolo en una perspectiva que considera la pluralidad de asimilaciones, ubicando a las personas mayores como sujeto activo en los entrelazamientos culturales.

**Palabras clave:** Envejecimiento; Cultura; Occidental.

## 1. Introdução

Foi durante a Antiguidade Greco-Romana que se desenvolveu o aprendizado das artes racionais percebendo, no processo de envelhecimento, questões filosóficas e biológicas. No mesmo período, a verdade foi concebida pela tradição hebraica como uma revelação divina, alicerçada em aspectos morais e na relação humana com Deus. Nessa perspectiva, a cultura judaico-cristã edificou-se pela vida espiritual e pelo respeito à tradição, com a educação dos mais jovens a partir dos ensinamentos de homens e mulheres mais velhos. À medida que essas culturas se miscigenaram, o ensino das artes liberais ganhou espaço e ambas as percepções se amalgamaram sob a expressão Mundo Ocidental, que reflete elementos racionais e transcendentais. Na antropologia, Geertz (2003) analisa a formação cultural como a elaboração de símbolos compartilhados, isto é, como uma construção coletiva a partir da troca de saberes entre indivíduos de uma mesma sociedade. A partir dessa perspectiva, por que não abarcar os entrelaçamentos perceptíveis entre as sociedades, a ponto de constatar uma unidade diversa na formação cultural e social?

## 2. Metodologia

Este trabalho de revisão bibliográfica pauta-se na abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório vincula-se ao Programa de Mestrado em Educação do Instituto Federal Catarinense (PPGE/IFC) e à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC). A pesquisa tem como objetivo compreender o processo de envelhecimento, por meio do exame de algumas das principais obras da chamada “Idade

Antiga”, que abrange a Antiguidade Greco-Romana, a tradição hebraica e, finalmente, a miscigenação dessas duas vertentes na Idade Média, a partir de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. O foco da investigação encontra-se nas principais obras de cada período com ênfase na percepção da velhice pelos autores – livros de Platão, Aristóteles, Cícero e Sêneca na Antiguidade Greco-Romana; a Bíblia na tradição judaico-cristã; as obras de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino na Idade Média. Quando destacamos o legado cultural ocidental vinculado à modernidade, nos referimos às grandes obras dos estudiosos gregos, romanos e medievais até os renascentistas utilizadas para compreender a educação e, especificamente, o processo de envelhecimento. Dessa maneira, torna-se possível uma reflexão sobre o modo de vida do idoso, com elementos particulares desde a formação do Ocidente, situando-o em perspectiva que considere a pluralidade de assimilações, o idoso como sujeito ativo e os entrelaçamentos culturais.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1. Antiguidade grega: o envelhecimento na perspectiva filosófica e biológica**

Na Antiguidade Grega, a educação baseava-se no raciocínio filosófico de buscar a verdade, em contraposição às questões metafísicas. Nesta linha de pensamento, examinaremos as obras de Platão (1993, 1999) e Aristóteles (2000, 2012), que retratam a velhice sob duas perspectivas: o ponto de vista platônico, com a percepção da imortalidade da alma frente ao corpo, e o pensamento aristotélico, que equipara esses dois níveis ao elucidar que o corpo é instrumento da alma racional.

Em *A República*, Platão (1993) apresenta os diálogos de seu mestre, o filósofo Sócrates (469 A.C. - 399 A.C.), fazendo referência positiva ao envelhecimento em diálogo com Céfalo. Sócrates admite que os mais velhos devem ter seu quinhão de bens materiais para estarem contentes, não bastando somente a virtude ou a riqueza para alegrá-los. Na obra *As Leis*, Platão (1999) ressalta o vínculo entre a velhice e a sabedoria, em diálogo de um ateniense – personagem sem nome – com Clíneas. O personagem ateniense afirma que se deve seguir as honras aos pais vivos por justiça àqueles que nos geraram e educaram. No aspecto político, a gerontocracia – “governo dos mais velhos” – foi indicada como uma forma oligárquica de governo. Desse modo, a cidade-estado ideal garantiria a felicidade de seus cidadãos desde que fossem governadas por filósofos, de preferência mais velhos e considerados homens com educação plena. Em outros momentos de sua obra, percebemos que

o filósofo relaciona a velhice às características negativas da idade ao associar a extrema velhice à enfermidade, rabugice e perturbação. Além disso, Platão ensina que o ser humano deve se preparar para o envelhecimento, especialmente por meio de filhos que o amparem porque, se assim o fizer, os derradeiros anos adquirem uma conotação positiva.

Aristóteles (384 A.C. - 322 A.C.), filósofo que estudou na Academia de Platão em Atenas, apresentou uma das primeiras concepções sistematizadas de velhice com ênfase em aspectos biológicos. Sob o ponto de vista do filósofo, a vida e a alma encontram-se entrelaçadas. Existem os dois poderes: o psíquico e o de nutrição. O poder de nutrição foi considerado superior porque pode ser separado dos demais sob a forma de "alma nutritiva". Com exceção dos deuses, os demais seres vivos envelhecem, ou seja, possuem a propriedade da longevidade (Woodcox, 2018).

Na obra *Parva Naturalia*, Aristóteles (2012) apresenta sua teoria do ciclo da vida baseada em três fases: (1) juventude, (2) início da vida e desenvolvimento e (3) velhice. Viver consistiria, em última análise, na manutenção da alma nutritiva. Aristóteles estabeleceu a região intermediária do corpo, onde se encontra o coração nos animais, como a localização da fonte de alma nutritiva. Se a vida é apenas a participação da alma nutritiva no corpo, logo depende da manutenção do calor no coração. Esse calor deve ser temperado e resfriado para que não consuma todo o combustível circundante, ou seja, a energia provida pelos alimentos. A lógica empregada é semelhante ao funcionamento de um fole, usado para atizar o fogo: os pulmões aspiram o ar que esfria o calor vital antes de ser expirado. Após examinar a respiração, o filósofo vincula a deterioração dos pulmões à velhice devido à dificuldade em manter a substância quente na alma nutritiva e, conseqüentemente, a própria vida.

Aristóteles percebeu que, após o nascimento, a alma nutritiva se manifesta por meio de uma substância quente. Na juventude, os pulmões – "órgão primário de refrigeração" – crescem e trabalham conjuntamente ao coração, que é a fonte de alma nutritiva dos animais. O auge da vida ocorre entre o crescimento e a decadência dos pulmões. Na última etapa, a velhice, ocorre a debilidade dos pulmões, enquanto a morte natural é resultado da exaustão do calor por causa da passagem do tempo. Aristóteles explica a calvície e o acinzamento dos cabelos, decorrentes da falta de calor e de umidade. Também considera que o excesso de trabalho encurta a vida, acelerando o envelhecimento e a secura do organismo (Aristóteles, 2012).

Além dos aspectos biológicos examinados por Aristóteles, influenciado por Hipócrates, há apontamentos a respeito da ética grega. Na obra *Ética a Nicômaco*, o autor correlaciona aspectos negativos do comportamento à velhice: "Entre as pessoas idosas e

acrimoniosas é menos frequente surgir amizade, pois tais pessoas são menos bem-humoradas e não encontram muito prazer na companhia umas das outras" (Aristóteles, 2000, p. 179). Considera também que há certa disposição dos mais jovens não se tornarem amigos dos mais velhos porque a companhia dos idosos é menos agradável do que a de seus pares.

Portanto, Aristóteles contribuiu com análises biológicas – afecção do corpo ou doença – e éticas – em relação aos temas trabalho e amizade –, sob a influência dos trabalhos de Hipócrates e de Platão. A teoria do ciclo da vida vinculou o processo do envelhecimento ao esgotamento gradual do calor vital provido pela relação entre coração e pulmões. As análises éticas e biológicas do autor reforçaram a compreensão da velhice como última etapa da vida, marcada pela passagem do tempo, e, com frequência, a uma enfermidade que acompanha o deteriorar do organismo.

### **3.2. Monoteísmo hebreu: o envelhecimento na perspectiva religiosa judaico-cristã**

Em Israel, a civilização hebraica assimilou a verdade como revelação ao profeta, recebida diretamente de Deus, e comunicada ao povo pelas Sagradas Escrituras. Com o passar dos séculos, o monoteísmo hebreu aproximou a religião e a filosofia, além de ser imprescindível ao início do cristianismo, judaísmo e islamismo (Voegelin, 2014). Para o historiador Eric Voegelin (2014), os cristãos, gentios e judeus pertencem à mesma comunidade humana, porém a ordem divina foi revelada a eles progressivamente: aos gentios, foi transmitida a criação divina; aos judeus, a Aliança; aos cristãos, a lei do coração de Jesus Cristo.

A cultura judaico-cristã refletiu sobre a velhice e caracterizou a experiência e o processo de envelhecimento com base na fé. Como indica Bingemer (2013), as reflexões religiosas destacam implicações éticas em detrimento de descrições de processos biológicos ou psicológicos. O povo bíblico, no Antigo Testamento, percebeu a idade como etapa da vida e, simultaneamente, como tempo de maturidade. Isso porque o judaísmo, assim como outros povos da antiguidade, destacou o respeito aos anciãos. Bingemer (2013) exemplificou o respeito aos mais velhos, manifestado como temor ao próprio Deus no livro Levítico: “Levanta-te diante de uma cabeça branca e honra o ancião. Teme o teu Deus. Eu sou o Senhor” (Levítico, 19:32).

Em sua história, o povo de Israel é considerado eleito por Deus ou, dito de outra forma, como um povo capaz de se aperfeiçoar na ordem estabelecida pelo Ser transcendente (Voegelin, 2014). Nesse contexto, os velhos eram considerados sábios e prudentes à medida

que cultivavam sua fé – no Antigo Testamento, as passagens do livro de Jó (15:10) e Eclesiástico (6:35; 25:5-8) reiteram esse pensamento ao lembrar que os anciãos possuíam a função de direção espiritual da comunidade e de aconselhamento dos mais jovens. No livro de Provérbios, diferencia-se a juventude da maturidade: "Orgulho dos jovens é o seu vigor, como os cabelos brancos são a honra dos anciãos" (Provérbios, 20:29). Portanto, a idade avançada não deveria ser motivo de riso, e sim de respeito e honra (Bingemer, 2013).

A cronologia do Antigo Testamento envolve os patriarcas, o exílio no Egito, o Êxodo até o período pós-exílico. A história contada nas Escrituras, de acordo com Voegelin (2014), evidenciou a relação entre Israel e Deus com um relato original adaptado à tradição oral e revisitado para destacar a vontade divina. Por esse motivo, historiadores pragmáticos consideram que há falsificação das fontes, enquanto autores da história sacra percebem um aumento de verdade nos textos sagrados. Voegelin (2014) situa os eventos como atos de obediência à vontade revelada de Deus, e não como ações pragmáticas com resultados no domínio intramundano do poder político.

Embora sua história não seja restrita a esse aspecto, o povo israelita contribuiu para um tipo de sociedade política no plano pragmático. Na história antiga, Voegelin (2014) lembra que apenas Israel registrou a sua própria gênese como um povo com significado especial na história. As demais sociedades do Oriente Médio se fundamentaram na ordem cósmica, enquanto Israel adotou uma narrativa paradigmática – na forma histórica, equivalente ao mito cosmológico. Por exemplo: Abraão, o primeiro patriarca, "Morreu numa feliz velhice, idoso e cumulado de anos [175 anos], e foi reunir-se a seus antepassados" (Gênesis, 25:8). A questão, portanto, não é a precisão dos detalhes referentes ao envelhecimento, mas a valorização de uma vida digna, independente da idade e em aproximação com Deus.

Quando experimentada por uma pessoa justa, a Bíblia revela uma visão positiva do processo de envelhecimento, definida como bênção ou como o cumprimento dos objetivos da vida plena conforme o Antigo Testamento. Bingemer (2013) retoma outros exemplos de homens que viveram segundo o coração e o sonho de Deus: Jó, considerado justo pelo Senhor, morreria apenas em robusta velhice (Jó, 5:8-26). Os salmos revelam o lirismo dos primeiros cristãos na forma de súplicas: "Não me rejeites no tempo da velhice, não me abandones quando diminuem minhas forças" (SL, 71:9), que são respondidas por Deus com generosidade, lembrando que "O justo crescerá como a palmeira [...]. Mesmo na velhice darão frutos, serão cheios de seiva e verdejantes para anunciar quão reto é o Senhor: meu rochedo, nele não há injustiça" (SL, 92:13-16). Assim, na perspectiva bíblica, Deus cumula a velhice

do justo com frutos e transforma a idade avançada em juventude, sem considerar o tempo e o desgaste físico ao plano transcendente (Beringer, 2013).

Desse modo, o curso da civilização hebraica revela uma maneira particular de transmitir seu paradigma, sendo anterior à civilização siríaca e, mesmo após a conquista por assírios, babilônicos, persas, gregos e romanos, apresentou um desenvolvimento independente (Voegelin, 2014). A vivência judaico-cristã consistiria em almas que lutam para alcançar a sintonia com o Ser transcendente, conforme suas ações individuais e sociais coincidem com os planos de Deus. Os ensinamentos nessa direção foram transmitidos oralmente e, quando registrados e necessários, integraram características como dramaticidade e detalhes imaginativos. No livro do Eclesiástico, reforça-se o elo intergeracional familiar: "Filho, ampara a velhice de teu pai e não lhe causes desgosto enquanto vive. Mesmo que esteja perdendo a lucidez, sê tolerante com ele e não o humilhes, em nenhum dos dias de sua vida" (Eclesiástico, 3:14-15).

Há também menções sobre a velhice das mulheres, integradas à comunidade e com auto-respeito delas como pessoas dignas, embora tenham passado pelo drama de não gerarem filhos (Bingemer, 2013). As Escrituras não negam os efeitos gerados pelo envelhecimento, no entanto não adotam estritamente critérios cronológicos. A mulher de Abraão, Sara, era idosa e não havia gerado filhos em idade fértil, então Deus a fecundou para lhe mostrar que era o Senhor da vida (Gênesis, 18:10-19). Bingemer (2013) ensina que a Bíblia menciona outros casos de mulheres idosas e estéreis que deram à luz, como Ana e a esposa de Manoah, cujos filhos, respectivamente Samuel e Sansão, foram consagrados a Deus como líderes para salvar Israel. No Novo Testamento, a gravidez de Isabel, após a visita de Maria, dando luz a João Batista, também sinaliza a vontade divina (Lucas, 1:18-25).

No Evangelho de São Mateus, Cristo afirmou que o homem não tem poder ou influência sobre a idade física já que ela é uma graça do criador: "Quem de vós pode, com sua preocupação, acrescentar um só dia à duração de sua vida?" (Mateus, 6:27). Assim, o dom da vida relaciona-se com o tempo que, gradualmente, gera efeitos sobre o corpo e a mente e, se amadurecida a fé, produz virtudes que aproximam a criação humana da sua divindade (Voegelin, 2014; Efésios, 4:13).

Em trabalhos científicos recentes, percebemos a relevância da religiosidade e da espiritualidade na vida dos idosos. Para Socci (2006), são os mais velhos que guardam os mistérios da revelação na tradição judaico-cristã, pois conquistaram maior sabedoria após estudarem por longos períodos as Sagradas Escrituras. A autora lembra que a espiritualidade é um fato fundamental à atribuição de um sentido para vida, situando-se em um plano além de

ideologias, instituições e rituais. Goldstein (2006, p. 132) aborda a questão sob panorama amplo: "[...] prolongar a vida sem propiciar um significado para a existência não é a melhor resposta para o desafio do envelhecimento [...]". Podemos perceber que no imaginário social, há relação entre a morte e o envelhecimento permeada pela maneira como a cultura ocidental convive com as transformações demográficas e sociais.

### **3.3. Ocidente: a miscigenação da cultura greco-romana e hebraica**

A filosofia grega e a religião cristã se tornaram parte da cultura romana cristianizada. Porém, com a desintegração do Império Romano, o legado ocidental estendeu-se principalmente pela região da atual Europa sob a forma de vida comunitária paroquial e, mais tarde, de assimilação da cosmovisão da Antiguidade aos preceitos cristãos. Com o encontro dos métodos filosóficos e dos povos religiosos, as obras gregas foram traduzidas e os conhecimentos considerados pagãos foram inseridos nas escolas medievais em um período em que religiosidade ocupou o centro da vida individual, pela relação entre o homem e seu Deus, e da organização político-social de diversos povos, mediada institucionalmente e de forma diversificada pelo clero.

#### **3.3.1. A influência das obras gregas em Roma e a ascensão do cristianismo**

Na Antiguidade Grega, Platão (2010) ensinou que a aritmética, a geometria, a astronomia e a harmonia eram disciplinas preliminares à dialética, que nos permitiria a contemplação da ideia suprema do Bem. Por outro lado, os sofistas gregos cultivaram a gramática, a retórica e a arte do debate. O objetivo era ensinar os jovens a se exprimir com clareza e a se comunicar com os ouvintes usando as expressões adequadas.

O ideal retórico dos sofistas ganhou espaço entre os romanos<sup>1</sup>, com destaque ao senador Cícero (106 A.C. - 44 A.C.). Na educação romana, a eloquência era fundamental por seu alcance prático nas lides dos fóruns. Varrão, em sua obra "Nove Livros das Disciplinas", foi o primeiro autor a resgatar a cultura grega e apresentá-la aos romanos. Essas disciplinas eram: (1) a retórica, (2) a arquitetura, (3) a geometria, (4) a aritmética, (5) a astronomia, (6) a música, (7) a gramática e (8) a dialética (Nunes, 1975).

---

<sup>1</sup> O território grego foi conquistado pelos macedônios e, em seguida, pelos romanos. A origem de Roma remete a seu fundador, Rômulo, que estabeleceu uma ordem legitimada pelo direito. Como ancestral comum, Rômulo que tomou a si mesmo como autoridade e fonte normativa (Lívio, 1989).

Eminente pela arte da eloquência, o senado romano era composto por sábios e pessoas de idade. Em sua obra *Da República*, o senador Cícero abordou diversos assuntos e, entre eles, a temática da velhice. Para o autor, conhecido por usar as palavras com precisão, muitos idosos “[...] aceitam alegremente estar liberados da carne e são respeitados pelos que os cercam” (Cícero, 2001, p. 6). Conforme o autor:

É portanto ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade (Cícero, 2001, p. 6)

Além disso, Cícero defendeu que há diferentes espécies de cidadãos: alguns têm oportunidade de serem combatentes vitoriosos em terra ou no mar, como Cipião e Máximo, enquanto outros buscam uma vida tranquila e distinta, tal como Platão que mesmo aos 80 anos continuava escrevendo suas obras (Cícero, 2001). Constatamos que senadores romanos, como Cícero e Sêneca, reconheciam a velhice como um período fervilhante e ocupado com atividades relacionadas à personalidade individual. No entanto, Cícero ressalta que seus argumentos também são passíveis de críticas: “[...] pensando bem, vejo quatro razões possíveis para acharem a velhice detestável. 1) Ela nos afastaria da vida ativa. 2) Ela enfraqueceria nosso corpo. 3) Ela nos privaria dos melhores prazeres. 4) Ela nos aproximaria da morte” (Cícero, 2001, p. 8). Assim, percebemos que no período Antigo não há um absolutismo de ideias entre uma visão otimista ou pessimista sobre a velhice, pois se sobrepõe o elemento racional da argumentação e da heterogeneidade de pensamento.

O filósofo e senador Sêneca (4 A.C. - 65) reconheceu que os seres humanos desperdiçam uma grande parte da vida, com o sofrimento sem necessidade, luxo, conversas inúteis, avareza e a indiferença. Criticou, por exemplo, o velho Turanio que, aos 90 anos, depois de ter sido dispensado por César, ficou em seu leito e pediu para que a família se reunisse em torno dele como se estivesse morto: “A casa lamentava o ócio de seu velho senhor, e a tristeza não terminou antes que o cargo lhe fosse restituído. É tão bom assim, morrer ocupado?” (Sêneca, 2015, p. 45-46).

A crítica ao excesso de ocupação decorre do fato de que muitos não percebem o passar dos anos e o desperdício de suas vidas: “A velhice oprime tanto seus espíritos pueris que chega a ela surpresos e desarmados, pois nada em sua vida foi previsto: bruscamente e desprevenidos nela caíram; não a sentiam chegar diariamente” (Sêneca, 2015, p. 19). Para o pleno gozo da paz na velhice, Sêneca recomendou uma vida inteira de meditação e

moderação, com o desenvolvimento de bom juízo. O autor diferencia, assim, a passagem do tempo – cronológica – de uma vida boa – inerentemente feliz, racional e equilibrada.

O cristianismo tornou-se a religião oficial de Roma nos anos 380, com o Édito de Tessalônica estabelecido por Teodósio I. Anteriormente, os cristãos eram considerados subversivos pelos romanos por seguirem os ensinamentos de Jesus Cristo, em vez das ordens do imperador. Como ensina Galbraith (1989), foi o exemplo de Cristo que conseguiu romper a noção escravista hegemônica na Grécia e em Roma. Jesus Cristo era filho de carpinteiro e considerava todos os homens iguais independentemente de suas ocupações, posses ou idade.

Galbraith (1989) ressalta também as atitudes sociais e crenças cristãs – desconfiança da riqueza injusta e busca pela igualdade entre os homens – e a influência dessa cultura no campo pragmático – ajudou a promulgar ou condenar leis econômicas específicas, condenando o juro como uma forma de extorsão dos afortunados sobre os miseráveis ou imprudentes, por exemplo. As invasões de povos bárbaros para saquear o Império Romano, já cristianizado, marca o fim de uma época. No ocidente, o vasto território romano se desdobrou em reinos e impérios, com povos nômades em guerra<sup>2</sup>.

### **3.3.2. As artes liberais e o pensamento clássico-cristão**

Após a dissolução do Império Romano com as invasões bárbaras, adveio o período histórico conhecido como Idade Média (século XI-XIV), que se estende até a Revolução Francesa em 1789. A Igreja, já consolidada como religião de Roma, contribuiu à vida comunitária, quando assim os indivíduos se organizavam, em um período de fragmentação política (Galbraith, 1989). Além disso, o clero reconheceu a dignidade do ser humano, criticou o egoísmo, condenou as taxas de juros cobradas, trouxe reflexão sobre o justo preço de uma mercadoria sob a condição de boa-fé nas transações, entre outros aspectos relevantes.

As relações de honra entre os nobres e os vassalos eram complexas por se basearem na honra e na proteção mútua, embora a desonra e a traição ocorressem com frequência (Scornaienchi, 1968). Havia grupos humanos que usavam o poder da violência, mas o legado ocidental foi buscar a argumentação e os consensos para prover um convívio social pacífico, mesmo em contextos aguerridos ou beligerantes que, por vezes, instrumentalizaram a fé. Era

---

<sup>2</sup> A Igreja Romana era parte do próprio império, mas, quando Roma entrou em colapso, a Igreja manteve suas atividades porque suas paróquias e dioceses eram descentralizadas (Scornaienchi, 1968). Em um primeiro momento, não havia nem verticalização nem centralização da Igreja. O papa, vivendo em Roma, não conseguia exercer o poder com autonomia. Assim, os bispos ganharam espaço. No período das heresias, houve linhas de pensamento e atitudes divergentes à doutrina ortodoxa.

uma prática recorrente, as famílias ou caridade dos castelos e conventos assistirem as pessoas idosas (Neri, 1991).

Lauand (2007), com base nos estudos do filósofo Pieper, percebeu a Idade Média como um período relativamente jovem: a média de idade dos grandes autores da época, por exemplo, estava entre 20 e 30 anos. O clero também era jovem, embora os idosos também vivessem em mosteiros. Em sua análise, Simone de Beauvoir (1990) parece aviltar tais aspectos, sob o pretexto de uma análise política. A autora afirma que, nesse período de conflitos, o poder dos jovens se sobressaiu em relação aos mais velhos. Como lembra Beauvoir (1990, p. 122), “[...] a propriedade não era garantida por instituições estáveis, mas garantida e defendida pela força das armas. Os velhos são relegados à sombra. O sistema repousa nos jovens, são eles que possuem a realidade do poder”. Segundo Muchnik (2005), a tristeza e a falta de energia eram vistas como características da velhice por causa da ausência de fé e existência de pecado. No entanto, como mencionamos anteriormente, a tradição judaico-cristã preconiza o respeito à dignidade humana, que mais tarde culminaria no alicerce dos direitos humanos, incluindo os idosos – assim como os demais cidadãos – e se abstendo de critérios estritamente cronológicos.

O patrimônio cultural de Roma, inicialmente, estava concentrado no acervo dos povos orientais. No entanto, esses documentos foram disseminados em bibliotecas durante a Alta Idade Média. As artes liberais<sup>3</sup>, herança greco-romana, dividiram-se em dois grupos de disciplinas: as inferiores – (1) gramática, (2) retórica e (3) dialética – e as superiores – (1) aritmética, (2) geometria, (3) astronomia e (4) música. O propósito da educação se baseava, além da transmissão de conhecimentos intergeracionais, em buscar meios racionais para compreender os aspectos racionais da realidade e em meios transcendentais para compreender suas nuances incompreensíveis pela mente humana.

Do período medieval até a Renascença, transcorreram aproximadamente mil anos, período em que essas disciplinas foram ensinadas nos mosteiros e demais instituições de ensino<sup>4</sup>. A Igreja comandava a educação, enquanto as guildas/mestres artesãos ensinavam

---

<sup>3</sup> Na Epístola 88, Sêneca explica que a gramática, a geometria, a música, a aritmética e a astronomia são estudos liberais, porque são dignos de um homem livre. Acrescenta que as artes liberais não levam à virtude, mas preparam o caminho para ela. Outros autores romanos, como Cícero e Varrão também elencaram disciplinas pertinentes às artes liberais (Nunes, 1975).

<sup>4</sup> No século V, Boécio organizou manuais de aritmética, geometria e música com base em fontes gregas. Por sua vez, o estudo da gramática abrangia o estudo de obras literárias e da língua latina. A dialética e a retórica se interligavam ao procurar, respectivamente, a forma correta de pensar e a forma correta de se expressar. Em seguida, o escritor africano Marciano Capela sistematizou o sistema de sete artes liberais voltado ao estudo das Sagradas Escrituras, que, por influência de Agostinho, fundamentaram o ensino no período medieval (Nunes, 1975).

preparando para o trabalho. Nesse contexto, a educação não era universalizada e o estudo era entendido como vocação e, portanto, desnecessário a maioria dos homens que não se dedicavam a essa prática. Santo Agostinho (354 - 430) elaborou um programa de estudos para o jovem cristão, com o objetivo de usar as artes liberais, a história e as artes mecânicas para compreender a Sagrada Escritura. O teólogo cunhou o termo “filosofia cristã”, ao analisar temas como o livre-arbítrio, o pecado, a liberdade e a graça de Deus. Nessa ótica, o próprio livre-arbítrio humano produzia o pecado quando a vontade levava a criação humana a se distanciar do Criador ao usar o livre arbítrio para subordinar a alma ao corpo ou ao não distinguir o bem e o mal (Agostinho, 1980).

O autor indicou a importância da relação intergeracional, atribuindo aos mais velhos a função orientadora dos mais jovens para que estes desenvolvessem a temperança: “Não o fazia por inclinação à embriaguez, mas por excessos exuberantes da juventude, que fervem sob a forma de movimentos alegres e que de ordinário se corrigem nos ânimos pueris, pela autoridade severa dos mais velhos” (Agostinho, 1980, p. 196). Ao se referir às pessoas de idade avançada, devotos da fé, destaca a sua calma e recebimento da graça de Deus – o religioso Simpliciano de Milão é citado pelo teólogo como exemplo desse aspecto.

Santo Agostinho (1980) retomou a tradição judaico-cristã ao considerar também a velhice um momento de fertilidade espiritual, embora esse período da vida apresente desgaste físico. O filósofo diferencia (1) a velhice física – tempo biológico que se revela nos sinais do envelhecimento; e, (2) da velhice espiritual – considerada como descrença em relação à benevolência do Criador. Além disso, conforme a moral cristã agostiniana, a sabedoria provinha de princípios gerais e universais, como “viver conforme a justiça; o eterno está acima do temporário; a verdade é imutável; a vida reta e honesta é mais digna do que a vida perturbada moralmente” (Agostinho, 1995, p. 275).

Santo Agostinho (1995) preocupou-se, em primeiro lugar, com os (1) bens eternos – uma educação para contemplar o Bem –, em detrimento dos (2) bens temporais, considerados inferiores por serem experimentados com o corpo, como práticas imorais e busca desenfreada por riqueza. Para o autor (1995, p. 122), “A verdade e a sabedoria ninguém as pode perder contra a própria vontade. [...] O que se pode entender por ficar separado da verdade e da sabedoria será o amor dos bens inferiores”. Assim, sua perspectiva compreende o ser humano

e tudo que há na Terra como parte de um algo maior, unitário, manifestado na ação de Deus<sup>5</sup>.

A diferenciação circunscrita ao conceito de velhice também pode ser percebida na Aliança de Deus com Isaac, já em idade avançada: “Ó luz que Jacó via, quando, privado também da vista pela avançada idade, irradiou, do seu coração iluminado, fulgores para todas as gerações do povo futuro, representadas nos seus filhos!” (Agostinho, 1980, p. 241). Ao diferenciar o temor dos pagãos frente à velhice, Minois (1990) ensina que Santo Agostinho atribui a sabedoria aos mais velhos desde que tivessem uma vida virtuosa: “[...] ao comentar uma passagem de Isaías, ‘enquanto vós envelheceis, eu continuo o mesmo’, faz a seguinte distinção: aqueles que louvarem a Deus terão os cabelos brancos da sabedoria, enquanto os outros hão de ver seu corpo enfraquecer” (Minois, 1990, p. 150). A preocupação com a vida interior, ancorada na materialização do amor ao próximo, aspecto central da cultura cristã, aparece gradualmente miscigenada à cosmovisão greco-romana na Idade Média.

A partir do séc. XII, os clérigos cristãos descobriram na Península Ibérica, então muçulmana<sup>6</sup>, o grosso dos escritos de Aristóteles perdidos para o Ocidente por mil anos. Traduzidos avidamente para o latim por equipes multiculturais de sábios, estes textos provocaram uma fermentação cultural sem precedentes, uma revolução na Europa que alterou para sempre o modo de pensarmos sobre a natureza, sociedade, Deus, constituindo então os alicerces da renascença e do humanismo (Lisboa, 2018, p. 38). O método escolástico, desenvolvido por Paulo Abelardo e São Tomás de Aquino, incorporou a lógica aristotélica – por meio de resposta a diversas premissas – na análise dos textos clássicos, como a Bíblia, a filosofia grega e os textos jurídicos romanos.

A filosofia e a teologia apresentavam objetos diferentes: a filosofia buscava encontrar a verdade por meio da razão – conhecimento “a partir de baixo” – e a teologia buscava encontrar a verdade à luz da revelação divina – conhecimento “a partir de cima”. São Tomás de Aquino (1225 - 1274) estabeleceu essa distinção, a partir do século XIII, aceitando a complementaridade entre o conhecimento religioso, a partir da revelação divina, e o pensamento racional, obtido pela filosofia (Nunes, 1975).

---

<sup>5</sup> Dessa forma, percebemos que a espécie humana seria mutável, sujeita às vicissitudes do tempo. Enquanto Deus percebe o tempo como cíclico - compreendendo o passado, presente e futuro -, o homem analisa apenas tempos de duração curta, sonhando com seu futuro e rezando, com fé, pelo que virá. Para Santo Agostinho, Deus é compreendido como Verbo eterno, absoluto, “que subsiste por si mesmo, nunca envelhecendo e tudo renovando” (Agostinho, 1980, p. 200).

<sup>6</sup> A influência muçulmana na Europa ocorreu após a fundação do islamismo na Península Arábica pelo profeta Maomé. Após a morte de Maomé, o poder religioso e político concentrou-se nas mãos dos califas, que incitaram a luta dos islâmicos contra os infiéis, expandindo o território até a Espanha. Os árabes concentraram consigo os conhecimentos gregos, persas e indianos, fundando universidades (Scornaienchi, 1968).

A tradição clássico-cristã uniu ambas as áreas para obter causalidades, retomando a filosofia platônica e aristotélica. Para Aristóteles, o tempo consistia em um número do movimento segundo um antes e um depois. São Tomás de Aquino retomou essa lógica para evidenciar que estamos casados com o tempo, do nascimento até o envelhecimento. Toda mudança corpórea e mental envolve um período de tempo, como o cabelo negro se tornar branco e uma personalidade menos paciente se tornar mais paciente. Para São Tomás de Aquino, o tempo indica uma anterioridade e posterioridade na forma de movimento (Nougué, 2010).

Aristóteles também considerava que Deus era o motor imóvel que rege o mundo ou, com outras palavras, Deus não se movimenta porque Ele move todas as coisas sem se mover. São Tomás de Aquino (2017) ensinou que, diante dessa propriedade e do estudo de Santo Agostinho, Deus não pode mudar o passado porque suas decisões são imutáveis. São Tomás de Aquino enfatizou o aspecto espiritual em detrimento da idade em diversos silogismos lógicos: (1) “[Os velhos] devem ser honrados por ser a velhice um sinal de virtude, embora esse sinal às vezes não o signifique. [...] A velhice venerável não é [...] computada pelo número dos anos; pois, [...] a idade da velhice é a vida imaculada” (Tomás de Aquino, 2017, p. 2143); (2) “E embora no corpo não possam coexistir a juventude, com a velhice podem contudo existir simultaneamente na alma, aquela, pela alegria, esta, pela gravidade” (Tomás de Aquino, 2017, p. 2908); (3) “A velhice não consiste no que a alma sofra, mesmo que sofre o corpo. Portanto, nem por enfraquecer-se o corpo hão de também enfraquecer-se as potências da alma” (Tomás de Aquino, 2017, p. 4020).

Santo Agostinho e São Tomás de Aquino nortearam o espírito da escola medieval até o Renascimento, no século XII, quando essa concepção de mundo, que visava à santidade, perdeu espaço para o antropocentrismo (Nunes, 1975; Nogué, 2010). Após o conflito entre o papa Gregório VII e o rei Henrique IV, chamado de “querela das investiduras” a esfera eclesiástica – papa e bispos – e a secular – imperador, reis e senhores feudais – se separaram, embora a fé tenha sido instrumentalizada em determinados projetos de poder. Nesse contexto, o comércio já havia crescido – especialmente nas cidades italianas de Veneza e Gênova –, corporações de ofício determinavam a produção e, ao se organizarem, também criaram universidades. A segurança “[...] permite ao homem fixar-se no trabalho ao redor do castelo senhorial e nos centros urbanos [...]” conforme Athayde (2009, p. 79).

Portanto, a união dos métodos didáticos conhecidos como artes liberais visava fomentar disciplinas que estimulassem a liberdade intelectual e espiritual dos indivíduos para, em última análise, produzir a sabedoria da contemplação do bem. Esses conhecimentos se

tornaram amplamente acessíveis a partir da (1) reforma introduzida na Igreja por Lutero, com a Reforma Protestante e (2) da invenção da imprensa por Gutenberg, que grassou a leitura da Bíblia, em língua nacional, pela Europa. A Reforma Protestante levou a cisões na Igreja ao evidenciar que seria possível obter a revelação da verdade e absolvição dos pecados pela reflexão individual, sem a obrigatoriedade de um clero intermediário (Scornaienchi, 1968).

Os questionamentos à Igreja Católica geraram várias ramificações religiosas: anglicanismo, protestantismo, restauracionismo, Igreja Batista, Igreja Ortodoxa, Igreja Romana, entre outras. O processo de secularização levou à criação das primeiras escolas públicas, ainda com o estudo da Sagrada Escritura, e, em diversas ocasiões, essas instituições foram usadas como armas político-ideológicas para enfrentar o poder religioso (Rothbard, 2013). No século XVI, com as descobertas de Newton, Kepler, Copérnico e Galileu, o humanismo ganhou força, tomando o estudo das relações de causa e efeito como medida da investigação – a partir do ensino e desenvolvimento das ciências naturais. Com o Iluminismo e a Revolução Francesa, temos o início da História Moderna, que trouxe uma nova roupagem para a compreensão da realidade, eventualmente mais preocupada com premissas ideológicas do que com a dignidade da pessoa humana. Embora a Idade Moderna pretendesse se desvincular da filosofia, o que ocorreu foi o inverso. Isso porque, como afirma Nunes (1975, p. 15), “[...] o progresso das ciências não empobrece a filosofia, mas, ao contrário, a enriquece”.

#### **4. Considerações Finais**

Os gregos, romanos e medievais manifestaram, em comum, o apreço pela educação, aperfeiçoada por uma série de disciplinas, ora excluídas ora incluídas nas instituições de ensino. Na Grécia Antiga, a filosofia levou o homem a buscar a verdade por meio da razão, debatendo sobre a velhice, sob o ponto de vista ético e biológico – inspirada na medicina de Hipócrates. Já havia o entendimento da mortalidade humana e da velhice como sabedoria, ressaltando-se a necessidade do elo intergeracional para amparar os idosos. Estudiosos das obras gregas, os pensadores romanos evidenciaram a importância da tranquilidade e da serenidade, desde a juventude, para se alcançar a felicidade. Na Idade Média, a noção de ordem, advinda da fusão de elementos da filosofia grega e da tradição judaico-cristã, preconizou que os homens deveriam cultivar a vivência das virtudes e a contemplação do bem para serem santos. A síntese do argumento cristão de dignidade da pessoa humana inspiraria, posteriormente, a própria concepção de direitos humanos.

Historicamente, as fontes mais remotas aumentam a imprecisão da análise sobre o envelhecimento. Entretanto, para compreender a evolução cultural do conceito de idoso foi preciso teorizar de modo adequado o objeto de estudo. Também seria importante aprofundar outros aspectos, como a tradição Oriental e Árabe, que se miscigenaram ao Ocidente à medida que os povos se encontraram e intercambiaram conhecimentos. Percebemos, assim, como os povos se abrem à influência uns dos outros, em processo constante de aculturação com reflexos na linguagem e na educação. Não se buscou esgotar, nesse estudo, as possibilidades de abordagem histórica da temática, pois cada período possui outras nuances e subdivisões temporais. O intuito da abordagem foi analisar a velhice, a partir de obras eminentes da tradição ocidental, considerando os elementos racionais e transcendentais que, amalgamados, constituem a dimensão cultural e social do processo de envelhecimento.

No entanto, para além da discussão sobre a compreensão dos processos de envelhecimento nos entrecruzamentos culturais presentes na antiguidade e na Idade Média, aliadas às influências na formação e desenvolvimento da cultura ocidental apresentada nos limites deste texto, é importante que outras perspectivas teóricas sejam exploradas cientificamente. Tais estudos podem contribuir significativamente para elucidar a complexidade a respeito de como o conceito de envelhecimento vai sendo construído, compreendido e ressignificado nas diferentes culturas ao longo do tempo.

## Referências

- Agostinho. (1980). *Confissões De magistro = Do mestre*. São Paulo: Abril Cultural.
- Agostinho. (1995). *O Livre Arbítrio*. (2a ed.) Coleção Patrística 08. São Paulo: Editora: Paulus.
- Aristóteles. (2000). *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret.
- Aristóteles. (2012). *Parva Naturalia*. São Paulo, Edipro.
- Athayde, W. R. (2009). *As artes liberais e mecânica. Uma via para o conhecimento da sapiência segundo Hugo de São Vítor*. Mestrado em Filosofia. São Paulo, PUC.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Bíblia Sagrada. (2017). *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. (8a ed.) Brasília: CNBB.
- Bingemer, M. C. L. B. (2013). *A velhice na Bíblia: algumas pistas para hoje*. Arq Rio. Recuperado de [arqrio.org/formacao/detalhes/26/a-velhice-na-biblia-algumas-pistas-para-hoje](http://arqrio.org/formacao/detalhes/26/a-velhice-na-biblia-algumas-pistas-para-hoje)
- Cícero, M. T. (2001). *Da República*. São Paulo: Abril Cultural.
- Galbraith, J. K. (1989). *Pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica*. São Paulo: Pioneira.
- Geertz, C. (2003). *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC.
- Goldstein, L. (1993). *Desenvolvimento do Adulto e Religiosidade: uma questão de fé*. Neri, A. L. (org.), *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus.
- Lauand, L. J. (2007). *Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferências sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Factash.
- Lívio, T. (1989). *História de Roma- ab urbe condita libri* (vols. I e II). Trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape.
- Lisboa, A. M. (2017). *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum*. Logeion: filosofia da informação, 4(1), 36-72.
- Minois, G. (1999). *História da velhice no ocidente. Da Antiguidade ao Renascimento*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Teorema.
- Muchinik, E. (2005). *Envejecer en el siglo XXI: Historia e perspectivas de la vejez*. Editorial Lugar.
- Neri, A. L. (1991). *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Nougué, C. (2010). Tempo e Eternidade em Santo Tomás de Aquino. *Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval* (11).

Nunes, R. A. C. N. (1975). As artes liberais na Idade Média. *Revista de História*, USP. 51(101).

Platão. (1993). *A República*. (7a ed.), Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Platão. (1999). *As Leis*. São Paulo: Edipro.

Rothbard, M. N. (2013). *Educação: livre e obrigatória*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, Brasil.

Scornaienchi, D. N. (1968). *Projeto Euro-Brasileiro*. Master of College. São Paulo: O.E.S.P.-Maltese-Argos, volume X, edição especial.

Sêneca. (2015). Sobre a brevidade da vida. *Reflexões, Livro XII*. Banci, L. A. (org.). Recuperado de <https://banciblog.files.wordpress.com/2016/02/reflexc3b5es-2015-livro-xii.pdf>

Socci, V. (2006). Religiosidade e o adulto idoso. In: Witter. G.P. (org). *Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas*. Campinas: Ed. Alínea.

Tomás de Aquino. (2017). *Suma teológica*. Tradução de Alexandre Corrêa. Recuperado de <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>

Voegelin, E. (2014). *Ordem e história: Israel e a revelação*, v. 1. Trad. Cecília Camargo Bartolotti. São Paulo: Loyola.

Woodcox, A. (2018). Aristotle's Theory of Aging. *Cahiers des études anciennes* [En ligne], LV. Recuperado de <http://journals.openedition.org/etudesanciennes/1040>

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Antonio Cavalcante de Almeida – 30%

Idorlene da Silva Hoepers – 30%

Ricardo Florêncio dos Passos – 40%